

Almanaque

Sábado e domingo,
29 e 30 de agosto
de 2009
Nº 459



PIONEIRO

Não pode ser vendido
separadamente

Direito ao palavrão

Ao analisar palavras consideradas **ofensivas**, pode-se medir **valores** de uma sociedade

Tríssia Ordovás Sartori

Ouem nunca chamou alguém de "filho da p*?" mesmo sem conhecer a mãe do sujeito? Muitas vezes, a resposta automática às emoções é verbalizada na forma de palavrões. E isso vale tanto para as arquibancadas de estádios de futebol quanto as cátedras da academia. A questão não se resume à falta de educação. De Françoise Rebelais à Bíblia, de Radicci aos senadores da República, dificilmente alguém consegue evitar.

Essa linguagem "sem filtro" aproxima gênios comuns entre os indivíduos. Por esse motivo, é usada por grandes autores e intelectuais para exprimir emoções em modo não convencional, mas eficaz, assim como eu e você os usamos em nosso dia-a-dia.

Essas palavras servem para ligar conceitos da sensibilidade popular ou para representar de forma direta e livre aspectos da alma humana.

As linguagens alta e baixa têm muitos pontos em comum. Porque os palavrões falam essencialmente de três assuntos: o corpo (*a dor, o sexo, a doença e a morte*), a religião (*Deus, o sagrado, os santos e os rituais*) e as relações sociais (*marginalização, desprezo, racismo, classicismo*) – explica por e-mail o jornalista e linguista italiano Vito Tartamella.

Autor do livro *Parolacce – Perché le diciamo, que cosa significano, quelli effetti hanno* (Palavrões – Por que dizemos, o que significam e que efeitos têm, em tradução livre, ainda inédito no Brasil), Tartamella decidiu investigar esse modo particular de expressão depois de ter lido um artigo sobre o assunto. Como sua curiosidade não tinha sido satisfeita, foi investigar por conta própria e produziu uma espécie de manual dos palavrões.

Na obra, faz uma reconstituição histórica do uso das palavras de "baixo nível" e as trata de forma interdisciplinar.

– O que mais me apaixonou foi descobrir que os palavrões comprometem muitos campos do saber: linguística, psicologia, direito, literatura, neurologia, cinema... – afirma.

Para os moralistas de plantão, vale ressaltar que palavrões são formas linguísticas ímpares para se expressar uma emoção. Isso porque, no cérebro, o turpilóquio (denominação para as expressões ofensivas) funciona como um tipo de sistema de alarme que vigia o hemisfério direito, responsável pelo pensamento emotivo e onde são arquivados os palavrões (veja ao lado).

A pesquisa sobre a área cerebral que controla o turpilóquio nasceu com os estudos neurológicos sobre afasia (perda da fala): foi observado que alguns pacientes que perderam a capacidade de falar devido a uma doença ou trauma cerebral mantiveram intacta a capacidade de praguejar alguém. Os palavrões, assim, seriam uma espécie de lado B do pensamento.

E a atitude de xingar alguém ou expressar um sentimento em uma expressão curta traz muitos significados. Uma ofensa dita no trânsito ou o cumprimento a um amigo com uma palavrilha chula pode dizer muito sobre o indivíduo e a sociedade em que ele vive.

– Entendendo por que uma palavra é considerada um palavrão, se entende qual é o sistema de valores em uma determinada sociedade. E isso não é pouco – reitera o jornalista italiano.

Na Itália, por exemplo, ofensas como mafioso, nazista e terrorista estão entre os insultos mais graves. No Brasil, embora não existam estudos de caso específicos, pode-se dizer que as três palavras são pouco representativas na língua portuguesa e trazem um grau muito menor de agressividade.

– Os palavrões, como as palavras censuradas, são típicos de cada cultura e época: um grupo social individual define quais são os termos mais ofensivos e que são submetidos a um tabu – diz Tartamella.

Para a professora do departamento de Sociologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) Graciela Ferre Monteiro, que é uruguaia e leciona língua espanhola na instituição, uma análise histórica dos palavrões consegue distinguir pessoas com maior e menor autocontrole.

– A força liberatória deles é muito eficaz para surpreender: é por isso que são um ingrediente essencial na comédia – ressalta o linguista.

Nem o bruxinho Harry Potter passou incólume a elas. No segundo livro da série, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, o mundo de Potter já trazia uma espécie de difamação racial: *mudblood* (cuja tradução literal seria "sangue de lama" – no Brasil, porém, foi usado

Pesquisas recentes mostram que palavrões nascem em um mundo à parte dentro do cérebro. Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente ficam a cargo da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocôrtex, os palavrões "moram" nos porões da cabeça. Mais exatamente no sistema límbico.



*Essas áreas freiam o turpilóquio



Hemisfério Direito
Pensamento emotivo. Aqui o cérebro armazena os palavrões e controla o turpilóquio automático (imprecação, o pedir ou rogar a Deus).
Quem tem dano nesse hemisfério não impreca mais.

Hemisfério Esquerdo
Pensamento analítico. Aqui o cérebro entende o significado dos palavrões e articula de modo gramaticalmente e sintaticamente correto (insulto, por exemplo).
Quem tem dano neste hemisfério continua a imprecar.

Córtex cerebral: capacidade de fazer e compreender o discurso.

Amígdala direita: emotividade inconsciente e automática
Amígdala esquerda: controle da agressividade, emoções e conhecimento *

Hipotálamo: controla a atividade da glândula endócrina (produção de testosterona e adrenalina)
Gânglio da base: inibe a articulação das palavras*

Sistema Límbico: Glândula pineal, tálamo, hipotálamo, hipocampo, núcleo caudal. Controla as emoções e decisões de agir.

O turpilóquio na história

Épocas e povos

Primórdios: segundo a Bíblia (Gênesis, 3:14-19), o primeiro palavrão foi pronunciado pelo próprio Deus, ao brigar com Adão e Eva no Éden.

Idade da Pedra: pronunciar o nome de um defunto era uma ofensa, já que o nome dos mortos era considerado sagrado. Mas eles não tinham vergonha de mencionar os genitais, o ato sexual ou os excrementos.

Índia: eles estavam presentes inclusive nos Vedas, a literatura sagrada. Descrevem, por exemplo, órgãos sexuais femininos. *O Mahabharata*, maior poema épico da Índia, também traz palavras "impróprias".

Grécia: os gregos empregavam palavrões em quase todos os campos. Usavam para fazer rir, xingar e maldizer. Tinham uma ética sexual libertária e desinibição para falar obscenidades. Para blasfemar, usavam expressões como "Por Zeus". Filósofos como Sócrates e Platão também faziam uso dessas palavras.

Roma: tinham sensibilidade para os palavrões similar à dos gregos. Os insultos eram também uma arma usada em batalhas cara a cara, usados para ofender o adversário.

Arábia: a obra árabe que tem mais influência no Ocidente, *As Mil e Uma Noites*, não traz palavrões. Um livro que aborda o assunto é *A Aventura de Alexandre*, de Hamadani, que mostra a difusão do insulto na cultura árabe por meio da história de um mendigo de Bagdá.

Idade Média: foi um tempo de penumbra para o turpilóquio.

As festas pagãs eram camufladas e havia forte ideia de pecado. Mas a literatura obscena começou a aparecer desde a queda do Império Romano.

Eram poemas com uma visão irônica sobre o erotismo. Até Tomás de Aquino se ocupou do turpilóquio em *Suma Teologia*. Ele definiu a blasfêmia como mais grave do que o homicídio.

1800 - 1899: a

Linha do tempo
1401 - 1499: Depois da queda de Constantinopla (1453), os intelectuais se refugiaram na Europa, difundindo a cultura grega e, com ela, valores naturais, como a expressão "fazer amor", elogio aos atributos femininos. A literatura erótica era anticlerical e havia uma reação à sexofobia da Igreja.

1500 - 1599: o Renascimento foi o século de ouro do turpilóquio. Começa a aparecer o desejo de falar sobre as injustiças do mundo. O amor homossexual e o triunfo das mulheres viram assunto. O Concílio de Trento (1545-1563) deu impulso ao sacramento da confissão, como controle das intenções sexuais.

1600 - 1699: em 1606, uma decisão previa multa para cada expressão de blasfêmia nas obras de arte (é por isso que Shakespeare usava imprecações com divindade pagã): "Por Apollo!". Miguel de Cervantes, em *Dom Quixote*, usava os palavrões eventualmente para exprimir a ira do protagonista.

1700 - 1799: o sexo se torna uma questão de polícia. As relações sexuais são controladas como problema social, político e econômico. Em paralelo, surge na França a figura do libertino, homem obstinado em suas conquistas amorosas.

1800 - 1899: a concentração de pessoas nas cidades, unida ao aumento do nível de instrução e aos movimentos "contra o vazio", faz com que a política suprima os discursos sexuais.

1900 - dias atuais: a 2ª Guerra Mundial deu um impulso aos palavrões. O medo de perder a vida deu liberdade à ira e à violência por meio das palavras. O igualitarismo social, a liberdade sexual e a contestação da juventude ajudaram a difundir essas expressões. Mas à medida em que aumenta a tolerância, aumentam as restrições à liberdade de expressão. Assim, o eufemismo progride na comunidade.

Na literatura

Na Divina Comédia: Dante Alighieri usou o registro "baixo" no lugar mais baixo possível: o inferno.

Em Decamerón: Giovanni Boccaccio fala sobre uma epidemia de peste que faz a personagem sair das convenções sociais e dá ao protagonista a liberdade para falar com obscenidade e metaforicamente. Exemplo? Pênis = diabo, Vulva = inferno.

James Joyce, em Ulisses: revive, em apenas um dia, a peregrinação do personagem. Com a técnica do fluxo de consciência, reproduz monólogos interiores cheios de vulgaridade. O autor usava linguagem "sem filtro" também na vida privada.

Henry Miller: usava palavras que oscilavam entre a obscenidade e a espiritualidade. Em *Trópico de Capricórnio*, um de seus clássicos, o autor conta sua juventude sexual e vagabunda em Nova York.

Jack Kerouac: inaugurou a prosa coloquial em *On the Road*. Mas a narrativa é mais escabrosa pelo tema do que pelo uso de palavrões.

fonte: "Parolacce – Perché le diciamo, que cosa significano", de Vito Tartamella

Capa

de ofensas aparecem as blasfêmias, como *Porco Dio* e *Porca Madonna*.

O autor acredita que o estudo pode ser um modo para perceber como a sociedade muda com o tempo. Ele explica:

– Se essa sondagem for repetida a cada 10 ou 20 anos, dá para ver como muda a percepção do grau de vulgaridade/ofensividade dos palavrões. Uma palavra que há algum tempo podia ser considerada muito ofensiva, como “infiel”, hoje é neutra ou pouco incisiva. E vice-versa. Isso acontece porque em cada época mudam os limites da moral, os valores de referência. E também os palavrões são filhos de uma visão moral.

O interesse pelo assunto não se encerra no Velho Continente. Aqui, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), está sendo desenvolvida a pesquisa O Falar Torpe na Linguagem Oral da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul – Turpilóquio. Coordenado pela professora Vitalina Maria Frosi e formado por uma equipe multidisciplinar, o estudo busca investigar quais são as formas e as esferas de significado mais representativas do turpilóquio da região de colonização italia-

na e que sentido tem sua conservação.

– A ideia é mostrar que a blasfêmia, um dos segmentos do turpilóquio, representa um traço da cultura italiana. Na nossa região, ele é um elemento cultural que foi passado também aos que não são descendentes de italianos – explica Vitalina.

Para a realização dos estudos, que serão concluídos no final do ano, a professora ressalta que o turpilóquio entra em contradição com o espírito religioso e católico que sempre marcou e norteou a comunidade italiana inserida em solo brasileiro.

A pesquisa de Vitalina vai ao encontro da afirmação de Vito Tartamella. Segundo ele, o universo que permeia os palavrões merece ser explorado devido a suas múltiplas funções:

– O palavrão pode ser comparado a uma faca: serve para defender, ferir, mas também para cortar a cenoura, abrir a carta, extirpar um tumor... Os palavrões têm uso muito amplo: servem não apenas para fazer mal, mas também para divertir. Seria redutivista compará-lo a uma arma de defesa ou ofensa.

trissia.ordovas@pioneiro.com

Palavrões pelo mundo

Alemanha: no geral, é parecido com o modo de expressão dos brasileiros. Eles são ditos em relações mais íntimas ou com a família.

China: pouco frequentes, não é como aqui. Não há diferença entre os sexos, ‘que saco’. Não é desbocado.

Egito: entre os homens, o uso de palavrões é bem disseminado, mas eles nunca falam na presença de mulheres. As mulheres, por sua vez, não os usam.

Espanha: os espanhóis, bem como os povos hispano-americanos, falam muitos palavrões (ou *palabrotas*, como chamam). Costumam inseri-los nas pausas da conversa, e a impressão é de que substituem pontos e vírgulas por expressões “baixas”.

Estados Unidos: os norte-americanos usam os palavrões em abundância. Nos Estados Unidos, 72% dos homens e 58% das mulheres os evocam em público. Pesquisas mostram que os homens xingam mais do que as mulheres, mas estudos focando o uso do idioma mostram que elas xingam em contextos mais específicos.

França: os franceses cuidam para não falar palavrões na frente das crianças. À medida em que amadurecem, ficam mais à vontade. As pessoas usam para exprimir

emoção, cansaço, sem intenção de machucar. Fala-se menos do que no Brasil, e os palavrões são mais suaves.

Inglaterra: os ingleses são mais contidos, não xingam muito.

Itália: fala-se tanto palavrão quanto no Brasil. Outra característica dos italianos é a blasfêmia, que só é ofensiva para aqueles que são católicos.

Japão: os palavrões são pouco falados. E, quando ditos, são muito mais leves se comparados aos em português. Palavras como “bobo”, “burro” e “louco” são considerados ofensivos. Mulheres e jovens não costumam usá-los.

Rússia: falam bastante, mas os homens usam bem mais palavrões do que as mulheres. As expressões mais comuns são xingamentos como ‘vaca’, ‘cavalo’. Eles não são literais, ou seja, não chegam a “vai tomar no c*”, mas se resumem a um “vai tomar”.

Brasil: homens e mulheres falam na mesma proporção. Os palavrões estão presentes em músicas, filmes e outras manifestações culturais. Em uma enquete realizada com cerca de 15 mil pessoas na internet, os cinco mais usados são “c*lhão”, “por*”, “p* que o pariu”, “filho da p*” e “m*”.

Colaboraram: Adel Shalabi, Adriana Auler Jardim, Alexandre Holuque, Daiane Venturin, Elton Boff, Emanoel Castro, Graciela Ferre Monteiro, Teruhisa Takanashi e Wu Xiao Mein

Cada coisa em seu lugar

Os palavrões cumprem funções linguísticas diferentes: podem ser usados como reforçativos (que por** quer?), como exclamação (m*!), como ameaça (te bato na bunda), etc.

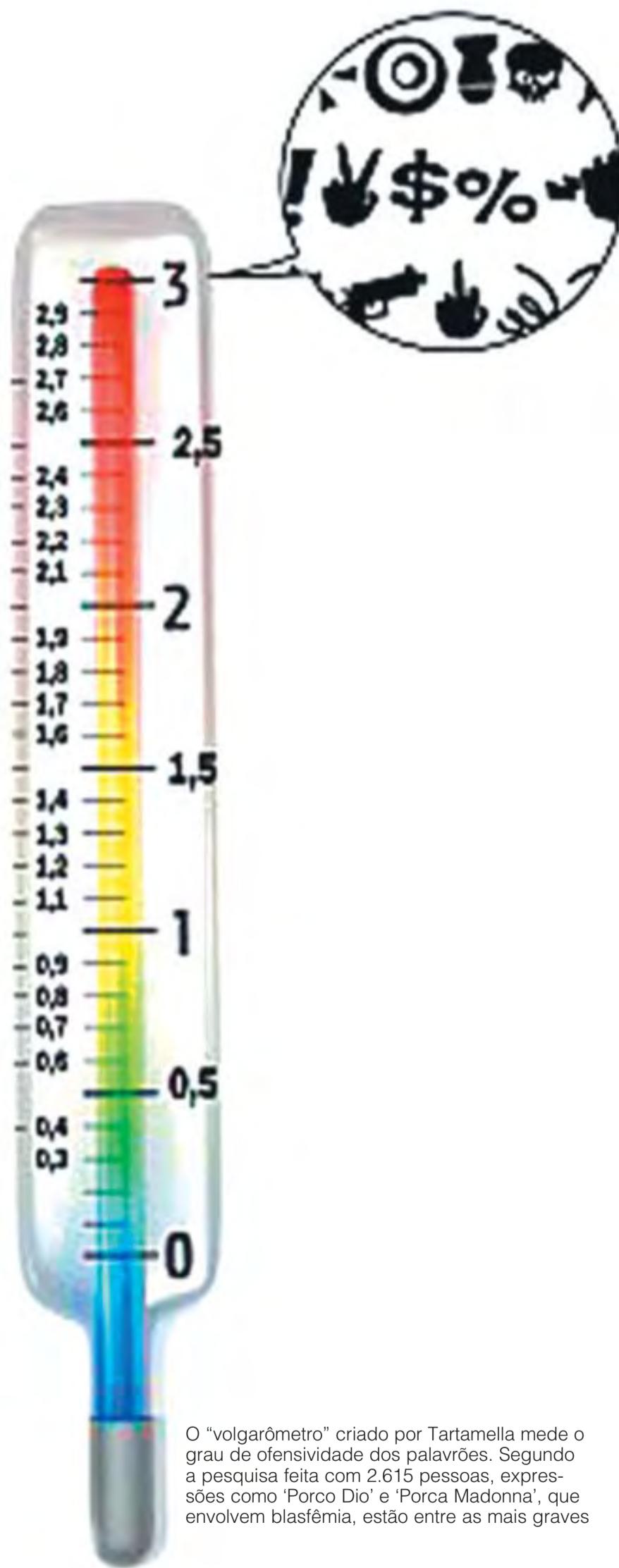
Falam essencialmente de três assuntos: o corpo (a dor, o sexo, a doença e a morte), a religião (Deus, o sagrado, os santos e os rituais) e as relações sociais (marginalização, desprezo, racismo, classicismo)

Quando praguejar é uma m*

Síndrome de Tourette – É uma desordem neurológica ou neuroquímica caracterizada por tiques involuntários, reações rápidas, movimentos repentinos ou vocalizações que ocorrem repetidamente da mesma maneira. Essa doença acomete pessoas que sofreram danos no gânglio basal, a parte do cérebro cuja função é manter o sistema límbico comportado. De 10% a 20% dos pacientes ficam com uma característica inusitada: não param de falar palavrão.

IL VOLGAROMETRO

La classifica delle parolacce italiane per 2.615 navigatori di **FOCUS**



O “volgarômetro” criado por Tartamella mede o grau de ofensividade dos palavrões. Segundo a pesquisa feita com 2.615 pessoas, expressões como ‘Porco Dio’ e ‘Porca Madonna’, que envolvem blasfêmia, estão entre as mais graves